

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)

2 mar 2017 | O Globo | MARCELO DE MELLO

# Sem salvador da pátria

*Paulo Barros agregou seu valor a um estilo clássico que sempre terá apelo emocional*

Oculto à personalidade, comum em ditaduras, repete-se em ambientes democráticos, sociedades permissivas e até contextos onde a subversão é a lei. O carnaval do Rio alimenta há mais de 40 anos o mito do herói solitário, que resolve tudo sozinho por sua virtude única. A lenda começou em 1976, quando a Beija-Flor foi campeã pela primeira vez com Joãozinho Trinta. A escola tinha subido para o Grupo Especial três anos antes e jamais ficara entre as cinco primeiras. Havia quatro décadas, com duas exceções, que o título era dividido entre as quatro grandes: Portela, Mangueira, Salgueiro e Império Serrano. A vitória teve algo de milagre, e é compreensível que as narrativas sugiram a santidade do carnavalesco.

O primeiro título da escola de Nilópolis veio quando o desfile, realizado desde a década de 1930, era transmitido pela TV, acontecia num palco grande, a Avenida Presidente Vargas, e com arquibancadas altas. A visão do conjunto de alegorias e fantasias tinha relevância suficiente para levar ao título uma agremiação sem a tradição musical das quatro grandes.

Assim o desfile entrou na era dos carnavalescos. Quando a Mocidade foi campeã pela primeira vez, em 1979, e a Imperatriz, em 1980, era senso comum que o responsável fora Arlindo Rodrigues. Nos anos 1990, as duas escolas brigariam por títulos, mas a disputa parecia uma competição pessoal entre Renato Lage, na escola de Padre Miguel, e Rosa Magalhães, na verde e branco de Ramos.

A narrativa do carnavalesco herói resistiu a campeonatos em que a vitória foi atribuída, sobretudo, ao peso da escola (Mangueira, em 1986), ao impacto do enredo (Vila Isabel em 1988, com "Kizomba") ou ao samba (Estácio, em 1992, com o refrão "Me dê, me dá...", e Salgueiro, em 1993, com "Explode coração/Na maior felicidade...").

No caso da Portela, que não ganhava sozinha desde 1970, o mito do herói solitário é conveniente para quem precisa atribuir logo um conteúdo épico à vitória. O protagonista da vez é o carnavalesco Paulo Barros, que entrou para a galeria dos grandes artistas da festa ao criar o inesquecível "Carro do DNA" na Unidos da Tijuca, em 2004.

Dessa forma, a escola tradicional com dificuldade para vencer em tempos modernos contrata um carnavalesco capaz de resgatá-la do passado. Em seu segundo ano em Oswaldo Cruz/Madureira, ele consegue. Faz sentido e resolve a ansiedade da busca por uma explicação rápida. Mas quem prestou atenção ao desfile notou que o estilo Paulo Barros estava nas alegorias, mas as fantasias tinham a cara da Portela dos bons tempos: muitas plumas, brilho e bastante azul e branco.

Desde a escolha do enredo, estava claro que o apelo à tradição era parte da estratégia. Inicialmente, o título seria "Foi um rio que passou em minha vida e meu coração se deixou levar", trecho do hino de amor portelense, mas foi mudado por questão de direito autoral.

Paulo Barros não salvou a Portela da nostalgia eterna. Agregou seu valor a um estilo clássico que sempre terá apelo emocional e capacidade de seduzir os jurados.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)